

## **A I TAÇA CONTINENTAL EUROPEIA DE BOCCIA E A SITUAÇÃO ATUAL**

Findo que está o primeiro teste internacional de 2015 à seleção nacional, a 1ª Taça Europeia de Boccia, que decorreu de 1 a 4 de abril em Sant Cugat, cidade catalã vizinha de Barcelona, proporcionou resultados que merecem algumas reflexões, tendo ainda como referência, os resultados menos positivos alcançados no último Campeonato do Mundo.

Desde 1984, esta foi a primeira competição sancionada pela federação internacional em que, por motivos particulares, não me foi possível estar presente. Não foi fácil estar “do lado de cá”, sofrendo, na expectativa permanente de notícias sobre o desempenho dos atletas nacionais.

É precisamente pelo facto de não ter participado neste evento, que entendi manifestar a minha opinião, já que a distância gera uma perspetiva quiçá, diferente.

Todos sabemos que tem vindo a aumentar o número de países a realizar um investimento maior na modalidade de boccia, à semelhança do que já vinha a suceder há alguns anos em outras modalidades, o que pode ter vários significados: uma maior consciencialização e conseqüente valorização social do desporto paralímpico; um reconhecimento da excelência desportiva do desporto paralímpico, aproximando-o progressivamente do seu par olímpico; uma forma de afirmação desde há muito utilizada pelos países como símbolo do seu desenvolvimento e do seu poder. Seja o que for, este fenómeno instalou-se finalmente no Boccia e as suas conseqüências são visíveis: a implementação de políticas que promovem a deteção de talentos, o recrutamento e contratação de técnicos especializados, a conceção e operacionalização de programas de preparação com elevado grau de exigência, a investigação, experimentação e aplicação de novas áreas de conhecimento e metodologias de treino, levam, como conseqüência óbvia, a que os praticantes desses países se destaquem relativamente aos restantes.

O salto qualitativo de vários países asiáticos como a Coreia do Sul, a China, a Tailândia, Hong Kong, Singapura e Japão, sentiu-se igualmente em países de outras regiões, em particular na Grã-Bretanha e Brasil, mas também na Eslováquia, Holanda, Grécia e Canadá. Mas não foi apenas no topo que se notou uma grande evolução, de um modo geral, grande parte da comunidade internacional de boccia apresentou sinais claros de evolução, pois sabem que, só desta forma, poderão aspirar a qualificação para a alta-roda mundial e paralímpica.

Por outro lado, esse investimento requer um suporte financeiro muito para além daquele que é proporcionado aos atletas lusos, uma vez que é obtido fundamentalmente, através dos apoios concedidos pela administração pública e estes, são fruto da política desportiva nacional, inserida no orçamento geral do estado. Naturalmente que a situação económica e financeira em que Portugal se encontra, condiciona tudo o resto.

Desde sempre, Portugal tem demonstrado ser um dos expoentes desta modalidade, de acordo com as 114 medalhas conquistadas apenas em provas de qualificação e Jogos Paralímpicos entre 1984 e 2014 e conforme foi reconhecido pelo Comité Paralímpico Internacional (IPC) em 2012: *"Portugal tem tido historicamente o maior sucesso com o jogo"* e *"Portugal tem sido tradicionalmente a nação mais forte no Boccia"*.

É igualmente certo que temos tido alguns altos e baixos, como é vulgar suceder, já que, embora seja esse o nosso desejo, é impossível manter de forma constante, o nível mais elevado.

Este é o primeiro ponto a destacar, todos em Portugal, sem exceção, esperam sempre os melhores resultados, muitas medalhas e estarmos entre os primeiros. Tal expectativa encerra aspetos positivos, destacando os agentes desportivos que se sentem "obrigados" a exigir sempre o máximo de si e trabalhar com o objetivo de serem campeões, pois sabem e acreditam que é possível. Em sentido contrário encontra-se a dificuldade em reagir e superar rapidamente da derrota e, por parte da sociedade, da tutela e de organizações supra em que a PCAND se enquadra, a expectativa de resultados de excelência, ascende ao nível do "quase dever", uma espécie de desígnio nacional, se me é permitida a expressão. Este fator, apesar de se tornar uma responsabilidade, por vezes demasiado pesada, sobretudo para os atores principais, é também um elogio, uma homenagem a todos quantos, ao longo dos anos, colocaram o nosso país no patamar mais elevado do desporto mundial.

Este enquadramento leva-nos a um segundo aspeto, que se prende com as motivações para o investimento realizado pelos países que, mais recentemente se têm destacado, pela rápida evolução no desporto paralímpico e, mais concretamente na modalidade de boccia.

Países que organizam Jogos Olímpicos e Paralímpicos têm desenvolvido programas, pelo menos desde 1988 e à exceção dos EUA em 1996, embora já fossem e continuassem a ser uma grande potência do desporto mundial, com o objetivo de conquistar um grande número de medalhas, como forma de afirmação nacionalista através do desporto, numa época em que a competitividade é um dos fatores mais valorizados da sociedade atual. Grande parte das estratégias motivacionais e de marketing comercial, advêm do desporto. A célebre frase "o segundo é o primeiro dos últimos" é repassada as vezes que forem necessárias até ser interiorizada, dos gestores até aos vendedores. A própria escola, hoje, se não fomenta, pelo menos aceita este princípio, vejamos os rankings, os prémios e as listas de mérito de alunos.

Neste contexto de grande exigência, países como a Coreia do Sul, a Austrália, a Grécia, a China, a Grã-Bretanha, o Brasil e já também o Japão, fizeram e continuam a fazer investimentos colossais em programas desportivos, a médio e longo prazo, com o objetivo de se colocarem no top 10 ou top 5 ou ainda mais ambicioso, conforme a dimensão e capacidade económica, porque sabem que o desporto é hoje, mais que

nunca, um veículo de afirmação universal do Homem e, quando em quantidade, de um país.

Esta é uma conjuntura em que se torna cada vez mais difícil, a países mais pequenos e com menos recursos, conseguirem afirmar-se.

Porém, esta constatação não deve levar à desmotivação e à inação, pois existem fatores que não dependem apenas de grandes orçamentos e bons programas desportivos. Refiro-me à resiliência que, segundo Barbosa (2006) *é a combinação de fatores que propiciam ao ser humano condições para enfrentar e superar problemas e adversidades*, a criatividade e improvisação, desenvolvidas durante séculos de privações, qualidade bem característica dos portugueses, a não menos importante experiência adquirida por um conjunto de pessoas que foram pioneiras nesta modalidade ou a ela se dedicam desde há muitos anos e, finalmente, a paixão que tantos agentes desportivos a ela dedicam.

Se conseguirmos maximizar estas características, e a elas adicionar uma estratégia que responda de forma mais eficaz às necessidades individuais dos jogadores, envolvendo necessariamente as vertentes coletivas de Pares e Equipa, e meios que complementem o apoio do estado português, poderemos aspirar a que, pelo menos, não deixemos o pelotão da frente.

----

Analisando os resultados da Taça Europeia de Boccia, idêntica a um Campeonato da Europa, em termos de medalheiro, Portugal ocupou o 4º lugar entre 23 países, atrás da grande vencedora, a Grã-Bretanha, da Grécia e da Eslováquia, no entanto, em número de medalhas conquistadas, ficámos em segundo lugar, logo atrás da Grã-Bretanha, sendo que estes dois países juntos arrecadaram 62%, cabendo a Portugal, 28,6%.

Estes números, conforme se pode verificar na tabela em baixo, revelam que a Grã-Bretanha, se encontra claramente destacada dos restantes países, que a Grécia e a Eslováquia continuam a ser muito fortes nalgumas categorias e a evoluir bastante noutras e que Portugal demonstra grande qualidade e homogeneidade.

RANK	PAÍS	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
1	GRÃ-BRETANHA	4	2	1	7
2	GRÉCIA	2	-	-	2
3	ESLOVÁQUIA	1	1	-	2
4	PORTUGAL	-	2	4	6
5	CZECH REPUBLIC	-	1	-	1
6	ESPANHA	-	1	-	1
7	BÉLGICA	-	-	1	1
8	HOLANDA	-	-	1	1

À exceção da Grã-Bretanha, cuja evolução nos últimos anos é abissal, fruto de um investimento de igual dimensão, os resultados acima descritos vêm evidenciar que, a



# PCAND

PARALISIA CEREBRAL - ASSOCIAÇÃO  
NACIONAL DE DESPORTO

nível europeu, Portugal não perdeu valor relativamente ao Europeu de 2013, desdramatizando, de algum modo, as classificações obtidas no Mundial de 2014.

No entanto, não podemos ignorar que a modalidade de boccia tem estado, nos últimos anos, a merecer uma grande atenção por parte de muitos países e, conseqüentemente, a apresentar uma evolução nunca antes vista.

Se quisermos continuar no grupo da frente, teremos certamente que encontrar soluções condicentes com os novos padrões de qualidade com que nos temos vindo a confrontar. Temos consciência que não vai ser fácil, mas não iremos voltar as costas a mais este desafio. Entretanto, teremos, mais do que nunca, maximizar todos os nossos recursos e as características que nos levaram e mantiveram no topo da pirâmide: humildade, ambição, resiliência, trabalho e paixão.

8 de Maio de 2015

*Joaquim Viegas*

*Presidente da PCAND, Paralisia Cerebral-Associação Nacional de Desporto*